

O PRINCÍPIO

Arley França

•••

Todos os dias, quando a bola gigante brilhante se escondia, Ohum ficava observando aqueles pontinhos azuis, piscando, presos naquela parede azul escura, curvada para dentro. Às vezes via tais pontinhos flutuando por aí. Um dia até conseguiu pegar um deles, e quando o colocou na boca para sentir o gosto e o apertou com seus dentes, ele explodiu em uma gosma nojenta e de gosto horrível. Mas Ohum gostava de vê-los piscando, alguns em tons mais escuros.

Ohum era o mais velho e mais forte de seu grupo. Tinha quase duzentos quilos e dois metros de altura. Seu corpo era coberto por pelos espessos para protegê-lo do frio. O maxilar era proeminente e de presas agudas. Isso para ajudá-lo a cortar os alimentos. Suas unhas eram robustas, assim como a pele que revestia suas mãos. Ele olhou em volta de seu bando e observou alguns dos mais novos correndo em voltas e rolando no chão. Duas mães seguravam nos braços criaturas iguais a ele, só que pequenas, muito pequenas e de olhos redondos e inocentes. Outros machos mais velhos, assim como ele, observavam os pontos luminosos no céu. Mais adiante, sobre uma rocha que se dispunha na frente da bola brilhante da noite, estava um macho se deleitando de um raro vegetal. Com seu andar, considerado um tanto quadrado, Ohum caminhou até ele e subiu na rocha com a ajuda de seus braços fortes.

– Ohum! – resmungou o ser receptivo, escondendo atrás de si o alimento.

– Ohum! – disse Ohum, apontando o alimento atrás das costas do outro macho.

Enraivecido, o outro macho negativamente a cabeça e rosnou para Ohum, escondendo ainda mais seu alimento. Ohum se aproximou dele e meteu o braço, dando a volta nas costas do outro macho. Brutal, o outro macho bateu nos braços de Ohum e pulou para trás. Ohum arregalou os olhos e também rosnou, pulando em cima do macho mais fraco. Seus dentes penetraram no ombro do outro e seus braços o jogaram de cima da rocha. Seguido disso, Ohum bateu nos peitos e rosnou alto, para que todo o bando entendesse que ele era o mais forte dali.

Ohum desceu da rocha, encarando todos que o olhavam com os olhos tristes. Nenhum deles entendia a morte, porém, sabiam que aquele que caíra da rocha nunca mais se levantaria ou comeria novamente. Ohum se aproximou do corpo moribundo do outro macho e pegou o alimento ainda em suas mãos. Ohum rosnou mais uma vez para o macho morto e mais uma vez

encarou aqueles que observavam a cena. Seguindo disso, saiu e deixou a tribo, seguindo para a caverna ao alto da montanha.

Ohum aguardou a luz, entocado, pois sabia que ela não demoraria a chegar. Quando ela chegou, ele desceu para o lago cristalino, a fim de pegar uma daquelas coisas que ficavam se remexendo por baixo da água, para comer. Sabia que tinha que tomar cuidado com os negócios pequenos e pontudos que ficavam no meio da sua massa de comer. Uma vez ficou com um daqueles entalado na garganta, por várias vezes que a bola brilhante apareceu e se escondeu no céu.

Quando chegou ao lago, de cara viu algumas daquelas coisas coloridas, bem na beira. Ele se aproximou com cuidado e pulou em cima delas. Seu peso e tamanho brutos, unidos a sua lentidão, espantaram as criaturas e elas se dispersaram. Bravo, Ohum pegou um daqueles objetos duros na beira do rio e atacou longe, de raiva. Viu o objeto desaparecendo meio as folhas das árvores e em seguida ouviu um baque. Algo caiu das folhas e bateu na água do rio, tremulando ondas circulares. Curioso, ele entrou mais profundo e foi andando, até que a água fria lhe cobriu a cintura. Quando se aproximou do ponto que viu a coisa caindo, percebeu algo desgrenhado boiando na água. Surpreendeu-se ao ver que era uma daquelas pequenas criaturas voadoras que nunca conseguiu pegar. Com medo de que ela voasse dali, ele pulou em cima dela, mas seu peso sobre a água apenas a afastou mais ainda dele.

Ohum emergiu limpando o rosto rapidamente e procurando a coisa por todos os lados. Seus olhos a encontraram boiando, inerte. Daí por diante, ele começou a se aproximar com mais cuidado, com medo de que ela fugisse de novo. Foi avançando um metro a cada cinco segundos, e quando preparava um bote, algo surgiu das profundezas e agarrou com as grandes presas o corpo moribundo do pássaro. O susto de Ohum foi tão grande que ele gritou e começou a nadar e depois a correr, para o mais longe dali.

Quando finalmente chegou à beira do rio, continuou correndo, com medo de que a criatura fosse atrás dele. Ele não parou de correr, até estar entocado em sua caverna ao alto da montanha. Reprimiu-se por um momento em um dos cantos disformes de rocha e depois se aproximou da beira, olhando a volta do vale. Não viu nada além da queda que levava as pedras abaixo e ao amplo terreno ocupado por aqueles que considerava serem de seu bando.

Aquele dia passou rapidamente e, durante todo o seu período, Ohum mastigou apenas algumas raízes de plantas que brotavam entre as pedras da caverna. Seu estômago estava doendo e ele sabia que só poderia acabar com aquela dor, se encontrasse um daqueles seres da água.

Novamente, aqueles pontos azuis brilhantes surgiram quando o ar azul escureceu, e mais uma vez Ohum ficou admirado com tal beleza, dessa vez observando da beira do pequeno precipício que o levaria abaixo, caso escorregasse. Meio a todos aqueles pontos, uma imagem começou a surgir em sua mente. Lembrou-se de quando atacou a pedra no rio e a pequena criatura caiu da árvore. Uniu as duas situações e percebeu que a pedra poderia ter sido o motivo de aquilo acontecer. Eufórico, ele não se aguentou e começou a descer o penhasco. Quando chegou à beira do rio, olhou a escuridão adentro, observando as silhuetas das folhas. Em seguida, procurou por uma pedra, mirou e atacou-a entre as folhas. Mas a única coisa que aconteceu foi o farfalhar da pedra se raspando contra a vegetação. Sentiu-se frustrado por um curto momento, mas logo as folhas se remexeram com mais voracidade e um bando daquelas mesmas criaturas alçou voo. Num impulso, ele recolheu mais uma pedra no chão e atacou meio

ao bando de aves. Dessa vez, escutou um baque e viu quando uma delas despencou e bateu contra um rochedo. Feliz, ele começou a pular e correu na direção em que a criatura caiu.

Ohum chegou ao local onde achou ter visto o ser cair e procurou com os olhos, por um momento. Foi uma brisa que o ajudou a encontrá-lo, quando as penas da ave foram remexidas. Ele pegou a ave nas mãos e começou a olhá-la. Seus olhos estavam fechados e seu corpo mole. Ele a pôs entre os dentes e rasgou sua carne. No mesmo momento, sentiu um sabor parecido com o que sentia nas criaturas da água, porém, aquela carne era mais dura e um pouco mais amarga. Mas ainda assim tinha um gosto bom. Ele comeu a carne daquela criatura, até que não sobrasse mais nada. Em seguida, sentiu uma sonolência e repousou ali mesmo.

Após acordar, Ohum notou a bola brilhante na redoma azul escura, ainda mais alta. Ele nunca a tinha visto tão grande. Parecia que se esticasse o braço, conseguiria tocá-la. O pico de uma montanha se delineava sobre a sua luz forte. Ohum imaginou que se subisse naquele pico, conseguiria abraçar a bola brilhante. Mas também sabia que a bola não ficaria ali por muito tempo. Nesse caso, ele se apressou e afoito, começou a pular e correr na direção da bola. Logo já começava a subir o pico que o levaria direto a ela. Olhou para trás por um momento, observando o resto do bando e continuou sua trajetória.

Independente do quanto se aproximava da bola brilhante, a distância e tamanho dela pareciam o mesmo. Começou a subir o pico, que, pelo que compreendia, o levaria exatamente à bola brilhante e ainda, poderia pegar umas daquelas criaturas brilhantes, que há um tempo, ele pôde lhe sentir o gosto.

A montanha era alta, e aos poucos foi ficando cada vez mais íngreme. Ohum já tinha sido forçado a usar os braços para se segurar. Em determinado ponto, ele já fazia força de verdade, usando seus fortes músculos para puxarem seus quase duzentos quilos para cima. Mas ele não pararia, pois estava decidido a abraçar a bola brilhante. Subitamente um de seus pés escorregou, desprendendo alguns cascalhos que rolaram abaixo, mas seus braços o seguraram. Ele firmou novamente os pés que se assemelhavam a grandes mãos e voltou a subir. Evitou olhar para baixo, pois da última vez que o fez, viu-se muito distante do chão.

Quando Ohum finalmente chegou ao pico da montanha, olhou a bola de luz e percebeu que ela ainda se mantinha tão distante quanto antes. Ele olhou para baixo, avistando ao longe os seres de seu bando e notou que eles estavam quase do mesmo tamanho que as pequenas luminescências que rodeavam a grande bola brilhante no céu. Ohum esticou os braços e tentou agarrar a bola. Mas logo percebeu que estava muito distante dela. Então se lembrou de uma vez que teve que andar mais rápido e pular de uma pedra a outra, para que pudesse pegar um alimento à sua vista. Pensou que se andasse mais rápido e pulasse, poderia agarrar a bola brilhante. Sabia também que se não conseguisse, cairia daquela altura e como seu amigo há poucas horas, não acordaria mais.

Ohum ficou ali, quase sentado, apoiando o dedo indicador no queixo, olhando a bola brilhante e tentando se decidir se saltava ou não saltava. Não queria não mais acordar, por que ele sabia o que acontecia quando não mais acordavam. Mas queria muito abraçar a bola brilhante. Ele abriu os braços, percebendo que ela cabia exatamente entre eles. Andou de um lado para o outro algumas vezes. Quando finalmente decidiu pular, seus olhos encontraram algo que antes nunca tinha visto. Centenas de metros abaixo de si, jazia um vale imenso. Esse vale recebia, naquele momento, o primeiro raio de luz do Sol da manhã, abrindo-se para o dia, como um lençol sendo puxado e deixando aparente a madeira de uma mesa. Mas naquele caso, era a

massa de vegetação espessa que ficava aparente. Ao ver toda aquela grandiosidade de verde e rochedos florescendo aos seus olhos, Ohum sentiu um tipo de desconforto. Esse desconforto era gostoso e ruim ao mesmo tempo. Ele levou os dedos aos seus olhos e notou que estavam molhados. Ohum tinha chorado de emoção pela primeira vez na vida. Ele olhou para a bola brilhante que antes queria pegar e logo percebeu que a outra bola, ainda mais brilhante, começava a surgir meio a toda a vegetação. Naquele momento, ele percebeu o quão distantes estavam as duas bolas brilhantes e assim compreendeu que o salto não o levaria a elas. Para chegar a uma delas, ele teria que enfrentar todo aquele terreno que se abrira para ele.

FIM